

DISCURSO 25 ABRIL

Exmo Senhor Presidente da Câmara
Exmos. Srs. Presidentes da Junta de Freguesia de N. Senhora de Fátima e S. João
Baptista
Exmos. Autarcas
Exmo Sr. Coronel Álvaro Fernandes, em representação da Associação 25 de Abril,
Exmas autoridades civis, militares e religiosas
Exmos. Dirigentes associativos e empresários presentes
Exma Comunicação social

.....
Minhas senhoras e meus senhores

Comemoramos hoje os 41 anos da revolução de Abril.

Para tudo há uma razão de ser, para o 25 de abril acontecer houve uma forte razão e todos sabemos qual foi, o jugo da ditadura que sobre o nosso povo pairou durante praticamente meio século. Abril foi revolução, mas como disse Sá Carneiro, num comício em 1975, "vivemos na sequência de uma revolução sem sangue, que nos abre os caminhos da liberdade".

É que abril foi tão genial que consegue, para além de ser um momento único de libertação de uma nação, do jugo da ditadura, evitando o sangue, consegue ao mesmo tempo, ser um ato de liberdade, um verdadeiro e grande momento de festa e de cultura de um povo.

É por isso que todos anos comemoramos E comemoramos Abril em festa. O 25 de Abril merece ser visto recordado e apreciado dessa forma.

Mas para além da liberdade que Abril nos deu, ele representa em si mesmo um momento de cultura na vida de uma nação. A sua senha " e depois do adeus" cantada por Paulo de Carvalho marcou o início das nossas vidas em liberdade, mas depois seguiram-se mais músicas, mais canções, mais poemas, mais teatro, mais cinema, mais de tudo, pois Abril foi sem dúvida o maior manancial de liberdade que alguma vez tivemos.

É também por isso que continuamos a lembrar em Abril, a trova do vento que passa de Manuel Alegre cantada e eternizada por Adriano Correia de Oliveira, continuamos aqui ou ali, a lembrar a Sophia e a sua linda madrugada, lembramos Ari dos Santos, nas portas que abril abriu, Jorge de Sena que sempre disse que não havia de morrer sem saber qual a côr da liberdade, como nunca esqueceremos a Grândola do também eterno Zeca Afonso.

Abril trouxe-nos a esperança.

Abril trouxe-nos a liberdade.

Abril abriu-nos as portas da igualdade da tolerância.

Abril no fundo não nos deu nada, limitou-se a devolver-nos tudo, o "tudo" que outros haviam roubado.

E isto aconteceu da forma mais sublime como nos disse um dia Ari dos Santos, porque, "...dentro de um povo escravo alguém que lhe queria bem, um dia plantou um cravo...".

Obrigado capitães de Abril, muito obrigado Salgueiro Maia. Obrigado por terem tido um dia ideia, a coragem, a força e ousadia de saber e querer plantar esse cravo.

Mas se é verdade que Abril, é esperança, liberdade e tolerância, que dizer do Portugal de hoje. Quantos cravos plantamos ao longo de 41 anos, e quantos nos quebram em cada dia? Como vai este nosso jardim?

Precisamos de fazer esta conta, é obrigatório fazê-la, principalmente num ano como o atual em que o povo será chamado às urnas para em liberdade fazer escolhas. Precisamos de saber quantos cravos arrancaram e como continuam a maltratar o nosso jardim.

Em Portugal alastra a fome e a miséria, acentuam-se a cada dia as desigualdades.

No Portugal de hoje olha-se pouco para as pessoas, interessam muito mais os números.

E é devido aos números, que para o Governo só há uma palavra PRIVATIZAR. Das duas uma, ou se privatiza, ou se liquida. Para este Governo não existem outras opções, por isso se enfeitam e embelezam as poucas empresas públicas que ainda subsistem, nesta fase na área dos transportes, porque o que nos resta, para as tornar apetecíveis aos olhos privados.

Como se os privados tudo fizessem bem. Esquece-se com facilidade a gestão ruínosa, escandalosa e criminosa que muito privados, fizeram e fazem dos negócios. Veja-se o caso da banca, veja-se o que foi o BPN não se esqueça o que se passou com o BES.

Felizmente que esses verdadeiros escândalos não são o espelho de tudo o que é privado em Portugal. Mas são uma amostra. Portugal tem claramente um défice de responsabilidade civil, criminal e moral muito maior do que o seu défice financeiro, e devia ser com isso principalmente com isso que nos devíamos preocupar.

É isto que em meu entender nos leva ao maior fracasso da nossa democracia. É que há em Portugal uma camada subterrânea de segredos e injustiças, de proteções e lavagens ou supostas lavagens, de corporações e famílias, de algumas eminências e reputações, de dinheiros e negociações que continua a impedir a escavação da verdade.

Parece por vezes acusamos algum cansaço. Parece que nos cansámos de continuar a plantar cravos e a lutar pelos nossos direitos, porque à nossa volta tudo parece contraditório.

Mas não podemos baixar os braços. Eu sei que não é fácil. Temos vidas complexas e por vezes a tentação para esquecermos a voz de quem nos marcou, ou o rosto do plantador de cravos é enorme.

Há direitos fundamentais, como sejam a igualdade de tratamento e a liberdade individual que continuam a não ser respeitados hoje em Portugal.

Lembremo-nos, porque não é assim tão longínquo, no Portugal de ontem as mulheres com dinheiro corriam a Espanha fazer uma interrupção de gravidez,

porque no seu país eram criminosas, mas aquelas que não tinham dinheiro para ir a Espanha, as mais audazes, acabavam por fazê-lo em segredo, em locais sem qualquer higiene, em vãos de escada, pondo a sua vida em risco. Felizmente que isto mudou e aqui abril cumpriu-se.

Mas agora corre-se de novo para Espanha, não para se interromper uma gravidez, mas para se poder ter um filho. É que este Portugal de liberdade, ainda acha que deve determinar quem pode e quem não pode ter filhos, recorrendo a técnicas de procriação medicamente assistida. O Estado ainda carregado de alguns contornos de machismo diga-se, acha, ou entende que apenas uma mulher casada, pode recorrer a essa técnica de procriação.

O Estado, o legislador, não tem que determinar as opções e as escolhas de cada um, só tem que as respeitar, trata-se de garantir a igualdade e a liberdade individual, eliminando discriminações, pois ao agir da forma como agiu ao rejeitar a proposta de alteração da Lei 32/2006, onde se pretendia retirar simplesmente limitações existentes na lei, se deu mais uma vez provas de que falta muito ainda para cumprir integralmente Abril.

Mas se fosse só este o exemplo.

Quantos de nós não se recordam recentemente de ver um cidadão na casa da democracia, interromper um ministro, clamando por um medicamento para se manter vivo.

Ao que nós chegámos!

Ao ponto a que chegou a nossa plantação de cravos.

Os tempos que se aproximam são de escolhas claras.

Não podemos baixar os braços, precisamos de continuar a construção de um Portugal melhor.

Precisamos de tomar grandes decisões e ousar concluir este meu discurso com as lapidadas palavras de José Saramago proferidas em Abril de 85,

“ É preciso opor à vontade de destruição de uns a vontade de construção de outros...”

Vamos continuar a lutar pela liberdade.

Vamos continuar a plantar cravos.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

João Lérias (Presidente da Assembleia Municipal do Entroncamento em 25/04/2015)